

DO PECADO DE SODOMA À SODOMIA: A violência das interpretações bíblicas contra as (homos)sexualidades humanas

José Josélio da Silva

1. Introdução

O uso e abuso de textos bíblicos contra seres humanos não é nenhuma novidade. A Bíblia já foi usada como inspiração contra estrangeiros, judeus, negros/as, índios/as, mulheres, inclusive entre cristãos¹, e ultimamente vem sendo usada contra pessoas por causa de sua orientação sexual (em especial gays, lésbicas e bissexuais) e/ou sua identidade de gênero (travestis e transexuais) causando a estas pessoas inúmeros sofrimentos². Apesar de o presente trabalho fazer uma memória das diversas interpretações possíveis para a narrativa de destruição da cidade de Sodoma, este não é exatamente nosso objetivo. Nosso foco é a violência praticada pelo abuso hermenêutico, ao usar a Bíblia como arma de ataque e ofensa às pessoas de vivência não heteronormativas³, inclusive heterossexuais e especialmente gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (travestis e transexuais).

Nossa tarefa ao analisarmos esse texto é averiguar como o pecado de Sodoma, tomado de uma perspectiva ampla e não relacionado com a sexualidade, passou ao pecado da sodomia, estritamente correlacionado a algumas práticas sexuais. Caberá aqui analisar o pecado de Sodoma apresentado no Gênesis e lembrado em outras passagens bíblicas posteriores. Também faremos uma análise de como o mesmo passou a ser reinterpretado ao longo da tradição judaico/cristã a ponto de se tornar sinônimo de perversão sexual.

2. O pecado de Sodoma

Talvez a narrativa bíblica da destruição da cidade de Sodoma seja um dos textos bíblicos que mais tenha contribuído em termos de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. Ela encontra-se relatada em Gn 19,1-19, porém já vem sendo preparada nos capítulos anteriores e vai ser lembrada em muitos versículos posteriores ao longo de várias passagens bíblicas. Este texto também deve ter servido de inspi-

1. ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 11-18. Traz quatro relatos de abusos contra pessoas inspirados nos textos de Paulo.
2. VITO, Robert A. Interrogações sobre a construção da (homos)sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica. In: JUNG, Patrícia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 140.
3. Heteronormatividade é um termo criado dentro das teorias de gênero que expressam um conjunto de regras e normas que revelam as expectativas, demandas e restrições produzidas quando a heterossexualidade é tomada como normativa dentro de uma sociedade.

ração para o seu paralelo encontrado em Jz 19,11-30, ao qual sempre estaremos fazendo referência e comparação.

A destruição de Sodoma é antecedida pela história da visita de Deus a Abraão no Carvalho de Mambré. Na verdade, Abraão não sabe quem o está visitando. O texto relata que ele viu três homens de pé. Prontamente ele correu ao seu encontro e prostrou-se por terra em um sinal de serviço e diz:

Meu senhor, eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto de teu servo sem te deteres. Traga-me um pouco de água e vos lavareis os pés, e vos estendereis sob a árvore. Trarei um pedaço de pão, e vos reconfortarei o coração antes de irdes mais longe; foi para isso que passastes junto de vosso servo (Gn 18,3-5)⁴.

Eles ficaram e foram acolhidos por Abraão e Sara que serviram-lhes pães cozidos, vitelo, coalhada e leite, um verdadeiro banquete para quem vive em zonas áridas.

Na continuidade desta narrativa, Abraão caminha com os três homens para encaminhá-los a Sodoma. Deus menciona pela primeira vez que “o grito contra Sodoma e Gomorra é muito grande! Seu pecado é muito grave! Vou descer e ver se eles fizeram ou não tudo o que indica o grito que, contra eles, subiu até mim; então ficarei sabendo” (Gn 18,21-22). A menção ao pecado de Sodoma e Gomorra é uma clara oposição à escolha de Abraão que guarda o caminho de Deus e realiza a justiça e o direito. Ele demonstrou isto quando acolheu os três forasteiros, em respeito às leis de hospitalidade do deserto, ainda hoje praticada por tribos nômades na África e no Oriente Médio.

A fama de Sodoma e Gomorra parecia ser conhecida de todos e, por muitos, criticada (Gn 13,13). A narrativa segue deixando entender que dois homens (mencionados como anjos em Gn 19,1) partiram para Sodoma enquanto que Abraão ficou discutindo com Deus sobre a destruição do justo juntamente com o pecador, tema clássico em toda a Bíblia⁵.

Observa-se que quando os dois anjos – que para Ló eram homens, assim como eram para Abraão a primeira vista – chegam a Sodoma eles são recebidos por Ló da mesma maneira que Abraão os recebeu – prostrou-se, lavou-lhes os pés e ofereceu abrigo e comida – sinal do homem que guarda o caminho de Deus e pratica a justiça e o direito.

A fama de Sodoma vai ser revelada através dos homens da cidade. O texto fala em todos os homens, desde os jovens até os velhos, todo o povo sem exceção (é possível que todo o povo não incluía mulheres e crianças). Eles queriam conhecer os estrangeiros. A palavra hebraica que é a mais polêmica no texto é *yada'* (v. 5). A maior parte das bíblias traduz o termo como conhecer⁶, mas também encontramos traduções como

4. BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 8ª impressão, São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 2000. p. 53-54.

5. Cf. Dt 7,10; 24,16; Sb 104,14; Is 3,9-10; Jr 31,29-30; Ez 14,12s.18; 18,2.

6. BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. 15ª impressão. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 15.

abusar⁷ e ter relações com o que pode ser confirmado adiante pela súplica de Ló quando pede aos cidadãos: não lhes façais mal (v. 7)⁸.

John Boswell apresenta quatro hipóteses para a destruição de Sodoma: 1) os sodomitas foram destruídos pela perversidade generalizada provocando o Senhor, em primeiro lugar, a enviar anjos à cidade para investigá-la; 2) a cidade foi destruída porque o povo de Sodoma tentou abusar dos anjos; 3) a cidade foi destruída porque os homens de Sodoma tentaram manter um intercuro homossexual com os anjos; 4) a cidade foi destruída pelo tratamento não hospitalar dado aos visitantes enviados pelo Senhor⁹.

Apesar de Boswell não detalhar a primeira hipótese, ela se baseia em que Sodoma já era uma cidade conhecida pelos hábitos de seus habitantes que eram grandes criminosos e pecavam contra Deus (Gn 13,13). Seu pecado era tão grande e grave que o grito daqueles que clamavam por justiça já tinha chegado a Deus, o qual já intencionava destruir a cidade, aguardando apenas uma confirmação dos fatos acontecidos – intenção percebida pelo ocultamento da premeditação em destruir a cidade (v. 18) – e posteriormente na percepção da intenção e na ação de intercessão de Abraão pelo justo (v. 23-32). Esta hipótese já deixa claro que Sodoma e Gomorra já eram cidades condenadas à destruição independente da sequência de fatos que irão se seguir.

Para o autor acima citado, a segunda possibilidade seria a mais óbvia das quatro, apesar de ser ignorada pelos biblistas antigos e modernos, provavelmente devido à ambiguidade ao redor do estupro homossexual. Cremos que esta interpretação fundamenta-se em Judas 7, “De modo semelhante, Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas, por se terem prostituído, procurando unir-se a seres de uma natureza diferente, foram postas como exemplo, ficando sujeitas ao castigo de um fogo eterno”¹⁰. O texto é uma referência a antigos mitos bíblico¹¹ e extrabíblicos¹². Mesmo assim, aqui o pecado de Sodoma é descrito em termos de “fornicação” e “correr atrás de carnes estranhas”¹³.

7. BÍBLIA, op. cit., 8ª impressão, 2000, p. 55.

8. Idem. *Bíblia Sagrada*: Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000, p. 13.

9. BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980, p. 93.

10. BÍBLIA, op. cit., 8ª impressão, 2000, p. 2296.

11. BÍBLIA, op. cit., 8ª impressão, 2000, p. 2296 (Transcrição da nota h) “Lit.: “uma carne diferente”; uma carne que não era humana, pois que o seu pecado consistia em quererem abusar de “anjos” (Gn 19,1-11). Como Jd 6-7, o apócrifo *Testamento dos doze patriarcas* menciona juntos o pecado dos anjos e o de Sodoma, p. 2297. O Livro dos Jubileus, apócrifo do século I anterior à era cristã, acentua a depravação de Sodoma como sendo de natureza sexual (Jub 16,5-6; 20,5-6) e liga o pecado dos sodomitas aos Nephilim ou gigantes nascidos da união desnatural entre anjos e homens. Cf. Gn 6,1-4 e 2Pd 2,4-10.

12. OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. de Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003, p. 172-175. Um dos mais conhecidos desses mitos é “A História de Baucis e Filemón”, um casal que acolhe em sua casa os deuses Júpiter (Zeus) e seu filho Mercúrio (Hermes), disfarçados de mortais, quando ninguém mais na cidade os acolheu. Em comum com a história de acolhimento de Ló e família, encontramos o acolhimento dos deuses pelas pessoas bondosas/justas e na negação dos outros moradores em abrir as portas para o acolhimento dos estrangeiros. No desfecho final, temos a destruição das cidades de Frigia/Sodoma pelos deuses e o resgate do casal/casal e família. Nenhum aspecto sexual pode ser depreendido da narração mítica de Baucis e Filemón.

13. KOSNIK, Anthony (coord.). *A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 231-232.

A terceira hipótese, também não detalhada por Boswell, é a preferida pelos que procuram dar ao termo *yada'* (conhecer) uma carga sexual e preferencialmente de relação entre pessoas do mesmo sexo, chamando-a, indevidamente, de homossexual. Esta interpretação esquece que as referências do primeiro testamento, “quando se refere à iniquidade de Sodoma, jamais identifica explicitamente Sodoma com a prática da homossexualidade”¹⁴ sendo, esta, uma interpretação tardia, que provavelmente inicia-se no final da era que antecede à cristã, como veremos adiante.

Porém, mesmo a tradição do primeiro testamento não é muito uniforme quanto à natureza do delito de Sodoma. Isaías fala, em geral, na falta de justiça do próprio povo de Israel, comparando-o à nação pecadora, ao povo cheio de iniquidade, ao povo malfeitor e pervertido, ou – quando queria se referir à destruição do inimigo – considerado maldoso, ímpio, arrogante e soberbo (Is 1,4.10; 3,9-11; 13,11.19). Para Jeremias: adultérios, mentira e apoio aos perversos por parte dos profetas (Jr 23,14). Mesmo a palavra adultério, aqui, não tem a mesma conotação de traição sexual que adotamos hoje, mas sim de impureza ritual, como observado em Lv 18,20. Para Ezequiel a iniquidade de Sodoma consistia na voracidade com que comia o seu pão (intemperança), na despreocupação tranquila com que ela e as suas filhas usufruíam os seus bens (ociosidade), enquanto não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente (falta de hospitalidade) e no orgulho. No livro de Ezequiel, Israel é considerado mais corrupto que Sodoma (Ez 16,47-50). Em Deuteronômio 29,22-25 a destruição de Sodoma é comparada ao castigo do exílio, associando este à infidelidade a aliança e a idolatria. Em Sf 2,8s, os moabitas e amonitas usam de sarcasmo e insultam o povo de Israel merecendo o castigo de Sodoma e Gomorra.

A literatura sapiencial do Primeiro Testamento fala de Sodoma em termos de insensatez, falta de hospitalidade e orgulho (Sb 10,8; 19,14; Eclo 16,8). Do mesmo modo, os evangelhos apresentam Jesus comparando a falta de dignidade, de hospitalidade e de negação em ouvir a palavra, por parte de seus concidadãos, e anunciando que no dia do julgamento haverá menos rigor para Sodoma e Gomorra (Tiro e Sidônia, em Lucas) do que para estes cidadãos (Mt 10,13-15; 11,23-24; Lc 10,12; 17,29). Mais uma vez, não há uma uniformidade quanto à natureza específica dos pecados destas cidades. Não é possível depreender destes textos nenhuma relação com a sexualidade como tal, e muito menos com a homossexualidade. Apenas nos textos de Judas e Pedro a questão da sexualidade é relacionada com Sodoma, como já vimos acima.

Atualmente muitos biblistas têm apontado a quarta hipótese como a mais provável delas, minimizando as questões sexuais. Derrick S. Bailey, em seu respeitado e pioneiro trabalho intitulado *Homosexuality and the Western Christian Tradition*, defende que a acusação das práticas homossexuais se baseia normalmente na exigência que, segundo se diz, fizeram os sodomitas a Ló e ao efraimita, pedindo que os homens fossem entregues para que os conhecessem. O sentido de “conhecer” poderia significar simplesmente que os habitantes das cidades queriam saber quem eram aqueles fo-

14. Ibidem, p. 231.

rasteiros que estavam dormindo na cidade uma vez que tanto Ló assim como o efraimita também eram estrangeiros residentes e estavam dando alojamento a forasteiros sem, antes, pedir autorização aos cidadãos da cidade, os únicos que poderiam outorgar um visto temporário aos estrangeiros¹⁵. Segundo Bailey, *yada'* (conhecer) pode significar “unir-se em coito”. Contudo ele alega que este não é necessariamente o significado da palavra nas passagens, argumentando que a palavra hebraico-inglesa do Antigo Testamento indica que, das 943 vezes em que ela é usada, apenas em dez ocasiões é utilizada com o sentido de coito sexual (sem contar os textos de Gn 19,5 e Jz 19,22) e apenas no texto de Gênesis é interpretada como relação homossexual. É verdade que muitas questões sexuais eram tabus para o Israel antigo como referência de identificação em relação aos outros povos¹⁶, e mesmo o intercuro anal pode ter referências em pelo menos duas listas do Levítico¹⁷. Em nossa visão, não cabe aqui afastar o sentido sexual da palavra *yada'*, inclusive por que, no versículo 7, a referência ao termo é explicitamente sexual do mesmo modo que em Jz 19,22. Porém afirmar que o principal tema de Sodoma e Gabaá seja a questão sexual é querer desviar a interpretação do texto da questão central que é a hospitalidade – costume apreciado e louvado pelos povos antigos e seguido por Israel – e a questão da violência, seja sexual ou não.

A hipótese da falta de hospitalidade estaria mais de acordo com a presteza de Abraão, Ló e do efraimita em hospedar os estrangeiros e viajantes contrastando com o pretense abuso, violência e humilhação pretendida pelos sodomitas. Ao mesmo tempo, concorda com os textos nos quais o crime de Sodoma é explicitamente detalhado como em Ez 16,49-50 onde Jerusalém é admoestada e colocada como mais corrupta que Sodoma e Samaria, e esta não cometeu metade dos pecados de Jerusalém:

Eis em que consistia a iniquidade de Sodoma, tua irmã: na *voracidade* com que comia o seu pão, na *despreocupação* tranquila com que ela e as suas filhas usufruíam os seus bens, enquanto *não davam nenhum amparo ao pobre e ao indigente*. Eram *altivas e cometeram abominação* na minha presença. Por isto eu as eliminei, como viste¹⁸.

Em Sb 19,13-16, o Egito é considerado mais culpado que Sodoma:

Aos pecadores sobrevieram castigos,
não sem a advertência de raios estrondosos;
sofriam, justamente, por suas próprias maldades,
por ter, cruelmente, odiado os estrangeiros.

15. É interessante observar a narração de Js 2,1-21 e Js 6,22-25 na qual Raab, uma prostituta de Jericó, acolhe os espíões de Israel. Na destruição da cidade ela e toda a sua família são salvas por terem acolhido os espíões e escondido dos guardas do rei. Apesar de a prostituição ser desaprovada (Lv 19,29) ela foi acolhida em Israel. O pedido do rei é muito similar ao dos habitantes de Sodoma e de Gabaá: “Faze sair os homens que vieram a ti e que entraram na tua casa, porque vieram para espionar toda a terra”. Não é difícil imaginar que os espíões não seriam poupados caso fossem entregues ao rei.

16. A identificação aqui se dá como uma negação. A Israel era proibido seguir os costumes dos povos vizinhos e isto é conclamado diversas vezes em todo o Primeiro Testamento, em especial, em todo o livro do Deuteronômio e Levítico.

17. Cf. Lv 18,1-30 e 20,8-21, em especial 18,22 e 20,13.

18. BÍBLIA, op. cit., 8ª impressão 2000, p. 1623 (grifos nosso).

*Houve quem não recebesse os visitantes desconhecidos,
Mas eles (egípcios) escravizaram hóspedes benfazejos.
Mais ainda: certamente para aqueles (sodomitas) haverá um castigo,
Pois receberam os estrangeiros de modo hostil...
Mas estes (egípcios), depois de terem recebido em festas
Aqueles que partilhavam seus mesmos direitos,
Maltrataram-nos com terríveis trabalhos¹⁹.*

Também concorda com a interpretação de Jesus sobre o envio dos discípulos e o acolhimento destes e da palavra de Jesus por parte dos habitantes das cidades (Lc 10,10-12):

Mas em qualquer cidade em que entrardes e não *fordeis recebidos*, saí para as praças e dizei: ‘Até a poeira da vossa cidade que se grudou aos nossos pés nós a sacudimos para deixá-la para vós. Sabei, no entanto, que o Reino de Deus está próximo’. Digo-vos que, naquele dia, haverá menos rigor para Sodoma do que para aquela cidade²⁰.

Lendo os textos acima, fica claro que a falta de hospitalidade para com o pobre, o indigente, o viajante e o estrangeiro é o tema central do texto. Isto não impede que seja associado à violência intencionada contra o levita em Gabaá e cometida contra sua concubina como ele explicita em Jz 20,5, “Eles queriam tirar-me a vida, e violentaram a minha concubina causando a sua morte”²¹, intenção que poderia muito bem ser aplicada aos habitantes de Sodoma.

Em geral, Sodoma – em algumas citações acompanhada de Gomorra – deixou de ser apenas uma cidade à margem do Mar Morto e tornou-se o modelo simbólico de toda perversidade que pudesse ofender a moral judaica, sobretudo orgulho, falta de hospitalidade e esquecimento de Deus²².

Se a interpretação do autêntico pecado de Sodoma estiver ligada à falta de hospitalidade, McNeill afirma que:

[...] nos encontramos diante de um dos paradoxos mais irônicos da história. Durante milhares de anos, o homossexual tem sido, no Ocidente cristão, vítima da falta de hospitalidade. Condenado pela Igreja, tem sido vítima de perseguição, tortura e inclusive morte. Em nome de uma interpretação errônea do crime de Sodoma e Gomorra o verdadeiro crime de Sodoma e Gomorra se há repetido e segue repetindo-se diariamente²³.

19. Ibidem, p. 1238. (grifo e parênteses nossos).

20. Ibidem, p. 1949 (grifo nosso).

21. Ibidem, p. 409.

22. KOSNIK, op. cit., p. 232-233.

23. McNEILL, John, J. *La Iglesia ante la homosexualidad*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1979, p. 80-81 (tradução nossa).

3. O pecado da hermenêutica: a sodomização das sexualidades “desviantes”

A condenação da homossexualidade por parte da tradição cristã ainda hoje se baseia em três principais fontes. A primeira delas é o contraste entre os costumes culturais do mundo greco-romano e do judaico, ambientes nos quais a Igreja primitiva surge e conseqüentemente são escritos todos os textos do Segundo Testamento. A comunidade cristã primitiva, formada em sua maioria por judeus da diáspora, tendia a considerar os hábitos da cultura greco-romana como um desvio da Lei de Deus e como uma violação da moral judaica. A segunda fonte baseia-se no conceito de “natureza” da filosofia estoica popular, da qual Paulo vai fundamentar-se para falar dos hábitos sexuais a serem seguidos pelos cristãos e que, posteriormente, Tomás de Aquino vai desenvolver para fundamentar o conceito de direito natural. A terceira fonte, e talvez a mais importante delas, baseia-se na interpretação da narrativa da destruição da cidade de Sodoma, tida como uma confirmação divina das duas primeiras. Destas três fontes, talvez a interpretação de Gn 19 seja o fator mais importante, ao longo da história, que corroborou e que ainda hoje influencia a condenação das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e outras práticas consideradas não heteronormativas²⁴.

Assim, tornou-se entendimento comum, e durante muito tempo inquestionável, o que o magistério das igrejas cristãs ensinava:

A Igreja ensinava, e a gente aceitava em geral, baseando-se no que considerava excelente autoridade, que as práticas homossexuais haviam provocado o terrível castigo divino sobre as cidades de Sodoma e Gomorra; que a repetição de tais “pecados contra a natureza” havia provocado de quando em quando manifestações similares da cólera divina em forma de terremotos, inundações, fome, pestes, etc. Se dava, assim, em consequência, que havia que utilizar a disciplina eclesial e os freios e castigos da lei secular para preservar a comunidade da cólera de Deus. Dava-se também por suposição que o pecado pelo qual haviam sido destruídas Sodoma e Gomorra era o da entrega habitual a práticas homossexuais perversas entre homens²⁵.

Filo de Alexandria (13 aC a 50 dC) parece ter sido o primeiro autor extrabíblico a fazer explicitamente a conexão entre Sodoma e as práticas sexuais. Porém, antes dele, uma interpretação neste sentido já poderia ser depreendida nos *Testamentos dos doze patriarcas*, livro apócrifo escrito pelo final do século II ou início do século I aC (Test. Neftali 3,4-05; Test. Benjamim 9,1) e no *Segundo Livro de Enoque* (2En 10,4). Flávio Josefo, historiador judeu (37/38 a 96 dC), faz a mesma ligação (Antiguidade I, 11,30). É possível concluir que pelo fim do século I dC o pecado de Sodoma fora identificado, entre os judeus, com práticas entre pessoas do mesmo sexo. É bem possível que esta identificação tenha influenciado na interpretação de Paulo sobre as formas pede-

24. Ibidem, p. 104-105.

25. Ibidem, *Providing a basic plan for understanding this entire discussion of homosexuality is the theology of creation we find in Genesis*, p. 70 (tradução nossa).

rásticas vivenciadas no mundo greco-romano e, também, numa hermenêutica mais tradicionalmente judaica nos escritos de Judas e Pedro.

Mesmo assim, esta interpretação parece não ter muita relevância no Talmud que tratou a atividade entre pessoas do mesmo sexo e a bestialidade como crimes iguais, pressupondo que “tanto uma como a outra tinham sua origem nas licenciosidades dos cananeus pagãos”²⁶.

Para os quatro grandes doutores da Igreja ocidental, Jerônimo, Ambrósio, Agostinho e Gregório Magno, encontramos interpretações um tanto diferentes.

Para Jerônimo (347 a 419/420 dC), em seus comentários sobre Ezequiel, o crime de Sodoma era o orgulho que provém da abundância de todas as coisas, do ócio, da opulência de delicadezas e do luxo²⁷.

Ambrósio (340 a 397 dC) entende que o sentido moral de Sodoma tem uma correlação com o pecado sexual ou corporal. Reconhece que a ameaça aos anjos era uma violação da hospitalidade. Em seu tratado *Sobre Abraão*, Sodoma é identificada com a indulgência carnal e a lascívia, com o luxo e o desejo desordenado²⁸.

Em Agostinho (354 a 430 dC), temos uma pormenorização do pecado de Sodoma em termos sexuais. Além de todas as interpretações sobre orgulho, blasfêmia e impureza dos cidadãos de Sodoma, ele entende que os mesmos queriam violar os anjos masculinos e vê a cidade de Sodoma como símbolo da depravação humana cuja destruição serve como ilustração do castigo divino. Temos em Agostinho “uma descrição explícita do pecado dos sodomitas como o desejo de copulação entre o mesmo sexo”²⁹. Porém, em sua obra, a questão da sexualidade, de per si, não é tão central quanto o desejo desordenado, a *concupiscência*. Segundo o autor Mark D. Jordan, Agostinho entende que:

[...] o pecado dos sodomitas não é meramente o desejo para com o mesmo sexo. Esse desejo é um sintoma da loucura de seus apetites carnis, do delírio subjacente de suas paixões. A raiz do pecado dos sodomitas não é o desejo da cópula entre o mesmo sexo. É a erupção violenta do desejo desordenado mesmo. A distinção é crucial para Agostinho, porém é rapidamente perdida nas leituras de sua obra³⁰.

Gregório Magno (540 a 604) faz seu próprio comentário à leitura de Ezequiel sobre Sodoma. Porém, quando ele pensa em Sodoma, seu primeiro pensamento é o do pecado sexual, não o do orgulho e da falta de hospitalidade. Isto fica claro em suas *Leituras morais de Jó*, um livro que influenciou bastante a teologia moral medieval. Ao comentar sobre a imagem do enxofre, faz menção “que deveríamos entender o enxofre

26. SPSTEIN, apud KOSNIK, op. cit., p. 230.

27. JORDAN, Mark D. *La invención de la sodomia en la teología cristiana*. Barcelona: Editorial Laerts, 2001, p. 56.

28. Ibidem, p. 57.

29. Ibidem, p. 58-59 (tradução nossa).

30. Ibidem, p. 59 (tradução nossa).

como o fedor da carne, a história das Sagradas Escrituras os testemunha, quando narra que Deus fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma”³¹.

Mark Jordan conclui que ao final do período patrístico, além das interpretações oferecidas pelas Escrituras, uma interpretação sexual do pecado sodomítico já se havia fixado, e em alguns casos o pecado é especificado como a copulação entre o mesmo sexo. É importante perceber que a leitura da história de Sodoma está intimamente relacionada com uma série de normas morais vigentes na época e que tinha correlação com o pecado da luxúria, um dos sete pecados capitais. Jerônimo, ao traduzir a Bíblia para o latim, usa o vocábulo como sinônimo de vários termos diferentes do Primeiro e Segundo Testamento. Nos textos romanos latinos, luxúria aparece como oposto às retas virtudes da República, porém, para Jerônimo, o termo cobre um enorme leque de sentidos que começa a se condensar em torno da carne como a sede da oposição a Deus³².

Segundo Jordan, o crédito, ou a culpa, da invenção da palavra *sodomia* deve-se ao teólogo do século XI Pedro Damiano. Vale lembrar que até então eram usados os termos, *o pecado de Sodoma*, em referência a cidade, ou, então, *sodomita*, como habitante da cidade de Sodoma, que praticava o pecado daquela cidade. A criação do termo *sodomia* viria aparecer como uma categoria teológica abstrata, assim como a trindade, encarnação, sacramento ou infalibilidade papal. O termo se popularizaria na Idade Média, através de diversos escritos teológicos e dos manuais de penitência. O primeiro deles teria sido o escrito, de Pedro Damiano ao Papa Leão IX, intitulado *O livro de Gomorra*³³.

O surgimento da palavra *sodomia* foi o resultado de todo um processo de refinamento e condensação que fez com que se tornasse quase inevitável a criação de uma palavra abstrata para uma classe de pecados específicos e que teve seu ponto de partida nas interpretações da história do castigo da cidade de Sodoma até converter este castigo a um só pecado que poderia ser chamado “o pecado do sodomita”. O abuso não é só da interpretação, mas da própria gramática, como diz Jordan:

[...] foram processos de refinamento e de condensação. O essencial que se tem que notar nos processos pelos quais “Sodomia” foi produzida é que primeiro aboliram detalhes, qualificações e restrições para habilitar uma simplificação excessiva do pensamento. Depois condensam certos números destas simplificações em uma categoria que parece concreta, mas que não tem nada mais concreto que a forma gramatical de um nome genérico. O árido trabalho de rastrear as palavras tem neste caso um prêmio muito específico. Permite ver, no microcosmo da forma gramatical, a tirania da generalização que resulta em que exista uma categoria como a categoria “Sodomia”. A história da palavra “Sodomia” é uma história de abuso da gramática, o que é uma redução do pensamento³⁴.

31. GREGÓRIO, *apud* JORDAN, op. cit., p. 60.

32. JORDAN, op.cit., p. 63.

33. *Ibidem*, p. 74.

34. *Ibidem*, p. 52 (tradução nossa).

Esta redução está em estreita conexão com o agrupamento de um número de pecados abaixo da antiga categoria romana de *Luxúria*, que chegou a ser vista como a fonte de pecado em diversos atos, muitos deles tendo a ver com os genitais³⁵.

O vocábulo *sodomia* passou, então, a ser visto como sinônimo de práticas sexuais não conceptivas. Poderia significar sexo anal tanto entre pessoas do mesmo sexo como entre pessoas de sexo diferente ou, também, sexo em posições não normativas – considerando a posição normativa o homem por cima e a mulher por baixo, ambos de frente um para o outro, também conhecida como posição missionária, sexo oral e até mesmo sexo com animais – também conhecido como bestialidade³⁶.

Era comum atribuir aos sodomitas a responsabilidade por tremores de terra, catástrofes naturais, epidemias ou fome. Em 1542, na região do Mugello, um tremor de terra e uma tempestade fulminaram respectivamente a cúpula da catedral e a torre do palácio do governo convencendo o grão-duque Cosme I de Médicis a restabelecer as “punições mais severas contra a sodomia, como contra todos os vícios julgados suscetíveis de ter atraído a ira divina”³⁷.

Já a punição do crime de sodomia foi aplicada no Brasil até a Constituição de 1824. “Coube sobretudo ao Tribunal da Inquisição (1536 e 1821) a repressão aos sodomitas, sendo, depois dos judeus, a minoria mais perseguida por esse monstro incendiário”³⁸. Apesar de deixar de ser crime desde 1824, sabemos muito bem como a prática policial tratou de enquadrar em outras tipificações como o “atentado ao pudor”, os então chamados “pederastas”³⁹.

O termo chegou a ser incorporado na legislação de vários países da Europa, hoje em desuso. Porém, ainda é possível encontrar na legislação de vários estados dos Estados Unidos da América a palavra sodomia, aqui entendida como prática de sexo anal e, em alguns casos, também o sexo oral. A prática é proibida em quatro Estados apenas para relações entre pessoas do mesmo sexo, enquanto é proibida em nove Estados, independente do sexo.

Aqui no Brasil, atualmente, um embate interessante está acontecendo por conta do PLC 122, Projeto de Lei Complementar da ex-deputada Iara Bernardi, aprovado na Câmara dos Deputados e que atualmente tramita no Senado Federal. O projeto propõe considerar crime o preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Está havendo uma grande mobilização em torno deste projeto, de um lado os grupos homossexuais organizados que têm o apoio do Governo Federal e do outro

35. Ibidem., p. 51.

36. GRIECO-MATTHEWS, Sara F., Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 284.

37. Ibidem, p. 286.

38. MOTT, Luiz Roberto. *Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas & travestis no Brasil*. São Francisco: Grupo Gay da Bahia/International Gay and Lesbian Human Rights Commission. Impresso nos Estados Unidos da América, 1997, p. 6.

39. Para um breve relato da violência policial, cf. MOTT, ibidem, p. 33-37.

lado parte das igrejas evangélicas, particularmente as de tradição pentecostal, e católicos conservadores que fazem uma leitura bíblica mais fundamentalista.

No Dia 25/06/2008 aconteceu um protesto em frente ao Senado Brasileiro, onde uma representação dessas igrejas, formada por cerca de mil pessoas, protestou contra a aprovação do PLC 122, sob a alegação de perda da liberdade religiosa e em defesa do direito de continuar criticando o “homossexualismo”, termo mais usado por essas igrejas. No discurso do pastor Jabes de Alencar é possível perceber a forte ligação que ele faz da história de Sodoma com a homossexualidade:

Senhor, sabemos que há uma maquinação para que esse país seja transformado numa Sodoma e Gomorra (cidades bíblicas que teriam sido destruídas pelos excessos cometidos por seus moradores). Um projeto desses vai abrir as portas do inferno⁴⁰.

Este mesmo discurso ainda é possível de ser percebido nos documentos da Congregação para a Doutrina da Fé da Igreja Católica Romana quando interpreta a história de Sodoma:

[...] a deterioração devido ao pecado continua desenvolvendo-se na história dos homens de Sodoma (cf. Gn 19,1-11). Não pode haver dúvida acerca do juízo moral expresso ali contra as relações homossexuais. No Levítico 18,22 e 20,13, quando se indicam as condições necessárias para pertencer ao povo eleito, o autor exclui do Povo de Deus quem tem um comportamento homossexual⁴¹.

Reconhecemos que não é fácil mudar uma tradição de dois mil anos. Como também não é fácil fazer perceber onde estão os verdadeiros pecados de Sodoma e Gomorra. Em um país como o Brasil, onde a corrupção parece estar enraizada na sociedade – não sendo um privilégio apenas dos políticos eleitos –, não é difícil encontrar bodes expiatórios aos quais os problemas possam ser atribuídos. A historiografia nos mostra como não foi difícil encontrar nos judeus, negros, ciganos, mulheres, homossexuais, pobres, crianças, estrangeiros, etc., os supostos culpados para os males de cada época e de cada sociedade.

4. Novas hermenêuticas, novas perspectivas

Em um dos encontros do Grupo de Estudos de Teologia, Gênero, Sexualidade e Corporeidade do Cebi⁴², ao fazermos uma leitura dos textos bíblicos de Gn 19 e Jz 19, ou seja, a história de Sodoma e Gomorra e o crime de Gabaá, foi usada uma técnica de identificação com os personagens na qual cada pessoa ia falando o porquê de ter se

40. GUERREIRO, Gabriela; GIRALDI, Renata. Evangélicos invadem Congresso contra projeto que criminaliza homofobia. *Folha Online*. Brasília, 25/06/2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u416125.shtml>>. Acesso em 28 jun. 2008.

41. CDF. *Carta a los obispos de la Iglesia Católica sobre la atención pastoral a las personas homosexuales*. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1987, n. 6 (tradução nossa).

42. Este grupo de estudos do Cebi, reúne-se em Recife, PE, desde 2005 e iniciou seus estudos com temas das homossexualidades. O encontro acima citado aconteceu em fevereiro de 2006 e contava com sete participantes.

identificado com aquela personagem. O curioso era que pessoas heterossexuais se identificaram como aqueles que acolheram os estrangeiros (estranhos, diferentes, *queers?*), considerando que estas pessoas estavam abertas ao acolhimento e compreensão de vivências sexuais não normativas enquanto que pessoas homossexuais se identificaram com anjos ou filhas virgens/concubinas, revelando em suas palavras o medo inconsciente ou consciente do abuso que muitas vezes se dá por palavras, olhares ou até mesmo agressões físicas, quando não o próprio abuso sexual.

Como pode ser percebido, uma leitura bíblica por pessoas não heteronormativas está bem distante da interpretação tradicional destes textos. Junte-se a isto o fato de muitos homossexuais, na sua vivência clandestina, sentirem-se, em um determinado momento de suas vidas ou ao longo dela, “diferentes” por pertencerem a uma minoria e, em tempos atrás, uma minoria secreta. Neste aspecto “escondendo sua identidade numa medíocre sociedade mista, não podem os homossexuais deixar de se sentir como estrangeiros”⁴³.

Se as igrejas cristãs contribuíram, e de certa forma continuam a contribuir para rejeitar a maioria das experiências eróticas humanas, inclusive aquelas de cunho heterossexual, a revolução sexual, iniciada com o advento da pílula anticoncepcional, veio para dizer que não existem pecados sexuais, nem abaixo nem acima do Equador.

Porém, é preciso resgatar o valor da sexualidade humana tomando por base princípios éticos que considerem relações consensuais, seguras, agradáveis, construtoras da comunidade e conducentes à justiça, naquilo que Mary Hunt chama de sexo bom, sexo justo e entender sexo bom e justo como direito humano básico⁴⁴. Ler os textos bíblicos nesta perspectiva da não violência sexual e de gênero é proporcionar à sexualidade e aos seres humanos uma relação mais harmoniosa entre si promovendo o bem-estar de cada pessoa consigo e com sua sexualidade.

Referências

BAILEY, D. Sherwin. *Homosexuality and the western christian tradition*. New York: Longmans, 1955.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 8ª impressão São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2002.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

43. KOSNIK, op. cit., p. 256.

44. HUNT, Mary E., Just Good Sex. In: JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika. *Good Sex: feminist Perspectives from the world's religions*. Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, and London, 2001, p. 170-171. Também publicado em português: HUNT, Mary E., *Sexo bom – Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos*. São Paulo: Publicações CDD, Cadernos n. 7, 2001.

BOSWELL, John. *Christianity, social tolerance and homosexuality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta a los obispos de la Iglesia Católica sobre la atención pastoral a las personas homosexuales*. Buenos Aires: Ediciones Paulinas, 1987.

ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998.

GREGÓRIO EL MAGNO. *Moralia in Job*. Editada por Marc Adriaen. Corpus Christianorum Series Latina, vols. 143-143B. Turnhout: Brepols, 1979-1985.

GRIECO-MATTHEWS, Sara F., Corpo e sexualidade na Europa do Antigo Regime. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. *História do Corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUERREIRO, Gabriela; GIRALDI, Renata. Evangélicos invadem Congresso contra projeto que criminaliza homofobia. *Folha Online*. Brasília, 25/06/2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u416125.shtml> >.

HUNT, Mary E., *Just Good Sex*. In: JUNG, Patricia Beattie; HUNT, Mary E.; BALAKRISHNAN, Radhika. *Good Sex: feminist Perspectives from the world's religions*. Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, and London, 2001.

JORDAN, Mark D. *La invención de la sodomia em la teología cristiana*. Barcelona: Editorial Laertes. 2002.

JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005.

KOSNIK, Anthony (cord.). *A sexualidade humana: novos rumos do pensamento católico americano*. Petrópolis: Vozes, 1982.

McNEILL, John, J. *La Iglesia ante la homosexualidad*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1979.

MOTT, Luiz Roberto. *Homofobia: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas & travestis no Brasil*. São Francisco: Grupo Gay da Bahia/International Gay and Lesbian Human Rights Commission. Impresso nos Estados Unidos da América, 1997.

SPSTEIN, Louis. *Sex Laws and customs in judaism*. Nova York: Kiav, 1968.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. de Vera Lucia Leitão Magyar. São Paulo: Madras, 2003.

VITO, Robert A. *Interrogações sobre a construção da (homos)sexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo na Bíblia Hebraica*. In: JUNG, Patricia Beattie; CORAY, Joseph Andrew (orgs.). *Diversidade sexual e catolicismo: para o desenvolvimento da teologia moral*. São Paulo: Loyola, 2005.

José Josélio da Silva
E-mail: joseliosilva@yahoo.com.br